

SANTOS

VIVENCIANDO A HISTÓRIA - CURRÍCULO SANTISTA



Theodor Preising, Ensacadores trabalhando em armazém de café em Santos, 1928, Museu do Café. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v58n39v9>>. Acesso em: 10 dez 2020.

ANOS FINAIS - 9º ANO - MATERIAL DO ESTUDANTE

2ª EDIÇÃO

SEDUC/DEPED/COFORM/COPEP

SEFORM/SENUTEC

2020

O impacto da crise de 1929 sobre a economia cafeeira em Santos



A queima do café em Santos

Fonte: Novo Milênio. Disponível em

<<https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos081.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

A crise de 1929, desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, deu início a um período de profunda recessão econômica que afetou a maior parte do mundo, incluindo o Brasil.

Os Estados Unidos eram os responsáveis pela compra de 80% do café brasileiro, o principal produto nas exportações do país. Com a crise, os EUA deixam de consumir esse café, que se acumula nos armazéns e sofre uma enorme queda em seu valor de mercado, gerando grandes prejuízos aos cafeicultores.

Você pode revisar o que aprendeu sobre a crise de 1929 e se aprofundar nesse assunto assistindo aos vídeos abaixo.

[Vídeo 1](#)



[Vídeo 2](#)



[Vídeo 3](#)



Como o governo de Getúlio Vargas, que subiu ao poder com a Revolução de 1930, tratou esse problema e o que Santos tem a ver com tudo isso? Vamos às atividades!

Atividade 1. O café em Santos



O Museu do Café funciona no edifício do Palácio da Bolsa Oficial do Café, inaugurado em 1922, no centro de Santos.

Santos teve grande relevância para a economia do país no início do século XX, inserindo-se no sistema de exportação do café, que se iniciava “nas fazendas do interior do estado, passando pela ferrovia implantada para transportar essa produção. Chegava à cidade de Santos e aos Armazéns, finalizando no porto. Em Santos, também acontecia a parte de negociação a cargo dos comissários do café, com escritório na região central. Fechava o conjunto a instituição da Bolsa do Café, que organizava as operações de compra e venda”.

SAMPAIO, Paula Tedesco. *Armazéns do café: tipologia industrial na cidade de Santos*. Dissertação (mestrado). São Paulo: Usp, 2018.

a. Pensando no papel desempenhado pela cidade na economia do café e no que você conhece sobre os impactos da crise de 1929 no Brasil, levante hipóteses: que efeitos puderam ser vistos em Santos a partir dessa profunda recessão econômica?

A praça de Santos

Um jornal paulistano descreveu, da seguinte forma, a situação na praça de Santos no início da década de 1930, durante a crise da economia cafeeira:

“A praça de Santos está asfixiada por falta de câmbio para negócios” [...] “o sentimento geral da praça é de nervosismo e revolta [...]. (*Folha da Manhã*, 27 set. 1931)

Mas, afinal, de que praça estava falando?



A confluência das ruas Frei Gaspar e XV de Novembro - conhecida desde tempos coloniais como "Quatro Cantos" - era o centro do comércio do café em Santos.

Em seus arredores estavam exportadoras, bancos, corretoras e a Bolsa Oficial de Café. Esse ponto era marcado também pela grande concentração de pessoas ligadas ao café, como os próprios corretores, que por ali passavam, informavam-se ou realizavam negócios.

Os "Quatro Cantos", um conhecido ponto de encontro, onde eram feitos negócios ligados ao café. Fonte: Museu do Café. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/exhibit/mem%C3%B3rias-da-pra%C3%A7a/BQKS5t8s-HSDLQ>>, Acesso em: 11 out. 2020.

Nas exposições virtuais "Memórias da Praça" e "Pianistas do Armazém", realizadas pelo Museu do Café, você pode saber muito mais sobre a praça de Santos, os negócios com o café e os diversos profissionais que atuaram na cadeia comercial desse produto em Santos (corretores, fiéis de armazém, ensacadores, catadeiras, classificadores, traders, estivadores). As exposições contam com textos e relatos orais, fotografias da época, recortes de jornais, além de outros documentos. Vale a pena conferir! Clique nos links abaixo ou faça a leitura dos QR Codes para visitar as exposições.

[Memórias da Praça](#)



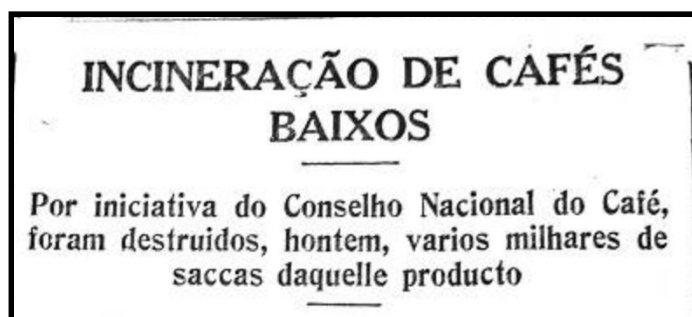
[Pianistas do Armazém](#)



Atividade 2. Leitura de jornais da imprensa local

Leia abaixo trechos de artigos de jornais da década de 1930. Em seguida, responda às questões. Você deverá pesquisar em sites e livros sempre que for necessário.

Artigo 1



Conforme antecipamos, teve início, ontem, o serviço de incineração de cafés baixos, promovido pelo Conselho Nacional de Café.

Aquela instituição, empenhada em reduzir o volumoso estoque de que dispõe o mercado atualmente, deliberou inutilizar uma parte do café retido nos armazéns locais, dando, assim, cumprimento ao plano traçado no intuito de melhorar a situação do nosso mercado.

Ontem, às 14 horas, em carro especial, seguiram para [Alemoa] os convidados a assistir ao serviço de incineração dos cafés, diretores da Cia. Docas de Santos, a cujo cargo está aquele serviço, membros do Conselho Nacional de Café, representantes do nosso alto comércio e da imprensa.

Na Alemoa teve início o serviço de descarga da primeira partida de café, num total de 4.800 sacas. Descarregado por uma turma de cerca de 100 trabalhadores, foi o café atirado ao mangue ali existente, tendo lugar, incontinenti, a incineração. Nada menos de 11 galeras foram ocupadas no transporte desse café, que representava um total aproximado de trezentos mil quilos.

[...]

Segundo estamos informados, o Conselho Nacional do Café tem prontas, para descarga, mais outras 4.800 sacas, devendo prosseguir o trabalho de incineração, sob a fiscalização de seus funcionários e diretores, até completar o número total de sacas a serem destruídas.

A Tribuna, 8 jun. 1931

- a. Por que o Conselho Nacional do Café decidiu queimar milhares de sacas desse produto?
- b. Que outras medidas esse órgão tomou durante a crise?



“Mais ou menos dantesca a visão de quem, chegando de noite a Santos, atenta no manguê da esquerda. Em grande linha, o fogo dá combate destruidor ao café. [...] Queima-se café, dia e noite”.

Folha da Noite, 28 set. 1931.



Fonte: Novo Milênio. Disponível em:

<https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos081.htm>. Acesso em : 9 nov. 2020.

Artigo 2

FOLHA DA MANHÃ

A QUEIMA DO CAFÉ

Dr. J. Americo Sampaio, da Associação de Lavradores de Jaú

É desesperador, para o anti-econômico exterminio, fazendeiro, contemplar a quando o povo não tem dinheiro espessa nuvem que se levanta do para beber café? [...] montão de café ardendo nos O verdadeiro cancro arredores de Santos. Nuvem nacional, aliás de toda a negra que obscurece o pálido civilização moderna, que nos clarão do horizonte. Fumo anemia e intoxica, é o

asfixiante que tolda o céu de nossa economia, em troca duma vandálica e efêmera luminosidade de labaredas. Por uma solução transitória do nosso problema cafeeiro, atira-se ao mar e ao fogo o produto do nosso labor e sofrimento. Para nós, a atmosfera, artificialmente mais clara, vai se tornando irrespirável, enquanto que, do outro lado das cinzas, envolve aos lavradores dos países nossos concorrentes numa auspiciosa luz de madrugada.

Nós paulistas não podemos mais plantar café. Não temos custeio para o que já possuímos. Queimamos safras de anos de trabalho e esperança. Tudo, porque intensificamos a produção, confiando nos governos ineptos, nos bancos que nos ofereciam créditos, nos comissários que mandavam seus agentes cercar-nos [...] Situação angustiosa: - trabalhar, produzir, contraíndo dívidas insuperáveis, e assistir à destruição do fruto de nosso esforço.

Por que tão diabólico e

protecionismo alfandegário. Contra ele é que se deveria ter feito a revolução. [...]

A lavoura tem de lutar contra este monstro. Enquanto ele existir, produziremos para queimar. E ele se nutrirá das cinzas. O pouco que exportarmos não dará para os juros de nossa dívida [...] não bastará para o alto custo da vida, cada vez mais precária pela ganância dos industriais que querem a alfândega fechada aos produtos estrangeiros para imporem o preço dos nacionais. Quem não vê esta monstruosidade?

[...] O que importa é salvar o organismo nacional, dando livre câmbio aos nossos produtos de exportação, desenterrando a Lavoura que é quem pode fazer a grandeza desta terra. Quem atirar as vistas além do oceano, verá que o mundo inteiro sofre hoje as consequências da má política que isolou cada país dentro da sua alfândega. [...] Então se compreenderá que super-produção é uma mentira que o protecionismo criou. [...]

(Folha da Manhã, 27 set. 1931)

- a.** Qual setor da economia é representado pelo autor do artigo? Como ele se posiciona em relação à queima do café pelo governo?
- b.** Qual seria, segundo esse sujeito, o verdadeiro problema do país?
- c.** O artigo faz críticas ao governo Vargas, egresso da Revolução de 1930, e a seu ministro da Fazenda, José Maria Whitaker. Essas críticas estavam relacionadas à política formulada pelo governo para atender a outro setor da economia brasileira. Qual é esse setor e qual política o governo elaborou para ele? Ao agir assim, quais eram os objetivos do governo Vargas?
- d.** No total, foi contabilizada a queima de quase 72 milhões de sacas de café entre 1931 e 1944, suficientes para garantir o

consumo mundial do produto durante três anos. Pensando em nossa cidade e no mundo hoje em dia, como você avalia essa política do ponto de vista social e ambiental?

Atividade 3. Debate

Considerando o que você estudou ao longo desta atividade e o que já aprendeu sobre o governo Vargas, organize um debate com seus colegas.

Seu professor ajudará a dividir a turma em dois grupos. O grupo A representará os cafeicultores de São Paulo e o grupo B será o porta-voz dos industriais.

Cada grupo deverá defender medidas econômicas que atendam aos seus interesses, posicionando-se em relação àquelas adotadas pelo governo Vargas, propondo que elas sejam alteradas ou mantidas e, até mesmo, formulando outras.

Para isso, as equipes deverão pesquisar sobre a política econômica do governo Vargas durante a década de 1930, no contexto da crise econômica mundial, especialmente para os setores cafeeiro e industrial.

A fim de reforçar seus argumentos, você pode levar em conta os benefícios que cada uma dessas atividades econômicas poderia trazer ao país, como geração de empregos e renda, diversificação da produção, melhorias na balança comercial, inovação tecnológica e desenvolvimento, maior independência em relação a produtos estrangeiros, etc.

Os grupos podem escolher três debatedores para representá-los, mas todos deverão participar da pesquisa e contribuir com a elaboração dos argumentos para o debate, que será mediado e terá as regras definidas pelo professor. Bom debate!

O legado dos imigrantes em Santos

Introdução

O Brasil recebeu e ainda recebe imigrantes de diversas partes do mundo. Desde a colonização, portugueses, franceses, holandeses, ingleses, africanos de diferentes etnias, entre outros, contribuíram para moldar a história do país. No período que compreende o final do século XIX e o início do XX, ocorreu o maior fluxo migratório para o Brasil. Nesse cenário, Santos ocupa lugar de destaque, já que seu porto figurou como uma das principais portas de entrada desse contingente populacional.

Tabela 1 – Imigrantes desembarcados em Santos, 1882-1891

Nacionalidade	N	%
Italianos	202.503	77%
Portugueses	25.925	10%
Espanhóis	14.954	5,7%
Alemães	6.196	2,5%
Austríacos	4.118	1,4%
Russos	3.315	1,2%
Franceses	1.922	0,7%
Outras nacionalidades	4263	1,5%
Total	263.196	100%

Tabela 2 – Distribuição dos estrangeiros em Santos, por nacionalidade, em 1872

Nacionalidade	N
Portugueses	931
Africanos	255
Alemães	137
Franceses	75
Espanhóis	55
Norte-americanos	35
Ingleses	31
Suíços	18
Italianos	18
Outras nacionalidades ²	22
Total	1.577

A cidade não foi apenas um local de passagem para essa população. Embora muitos dos imigrantes que chegaram a partir do século XIX deixassem os navios e seguissem de trem até São Paulo, onde passavam pela Hospedaria do Imigrante, uma parcela significativa decidiu estabelecer-se aqui.

De acordo com o Censo de 1872, havia em Santos 9.192 habitantes, dos quais 1.577 eram estrangeiros. A maior parte era portuguesa, com 931 pessoas. Quase duas décadas depois, em 1891, os lusitanos eram 23.055, seguidos pelos espanhóis, 8.491. Em 1914, numa população de 88.697 habitantes, os portugueses somavam 23.000 pessoas.

Nos recenseamentos gerais de 1920 e 1940, os números relativos à população imigrante, em Santos, seriam os seguintes:

	1920	1940
portugueses	21.014	22.157
espanhóis	8.610	6.582
italianos	3.059	2.271
japoneses	606	1.621
alemães	354	701
outras nacionalidades	2.896	2.878

Como em todo o Brasil, os imigrantes deixaram um vasto legado cultural, político, econômico e social. Podemos notar essa contribuição em diversas situações no cotidiano da nossa cidade: edifícios, monumentos, instituições, jogos, danças, festas, alimentos, templos religiosos, empresas, entre outros, registram a presença dessa população e sua importância na história do município. Vamos conhecê-los?



Imigrantes estivadores no Porto de Santos, início do século XX

Fonte: Museu da Imigração. Disponível em:

<http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/fotografias/MI_ICO_AMP_043_002_031_001.jpg>. Acesso em: 28 out. 2020.

Atividade 1. Os imigrantes em Santos

Pense nas contribuições dos imigrantes para a formação de Santos. Que elementos você é capaz de identificar como legatários da população imigrante? Tente citar pelo menos três exemplos. Compartilhe com seu professor e com seus colegas fotografias que representem os elementos que você identificou.



Do convés do navio, imigrantes vêem Santos pela primeira vez, 1910.

Fonte: Museu da Imigração, Disponível em:

http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/fotografias/MI_ICO_AMP_055_001_005_001.jpg. Acesso em: 28 out. 2020.

Atividade 2. Leitura: depoimento de uma imigrante portuguesa

Leia abaixo alguns trechos selecionados do depoimento de Beatriz de Freitas Leão Pereira, portuguesa da Ilha da Madeira, que migrou para Santos com o marido após a Segunda Guerra Mundial. Beatriz é uma das bordadeiras do Morro do São Bento, um grupo de mulheres que mantém viva na cidade a tradição dos bordados da Ilha da Madeira. Você pode conferir o [depoimento](#) na íntegra no site do Museu da Pessoa.

Vinda para o Brasil

“Não é que Portugal estivesse ruim, ia tendo comida, nunca passamos fome. Era solteira nos tempos da guerra. Quando eu casei, ele trabalhava por conta própria, não tinha firmas como aqui tem, as grandes serrarias, as docas. E ele tinha duas irmãs. A Glória, que eu falei pra você, morava na rua da Constituição. Ainda lá está o prédio. Ainda é deles, da minha família. E tinha a Maria

José, a irmã mais velha dele, que morava no Monte Serrat. Era a dona Maria José, hoje falecida, mas ainda tem os filhos. Nós escutamos falar pelas cartas que aqui tinha diversos trabalhos que a pessoa se empregava e trabalhava efetivo. É ruim de se ter saúde, ser jovem, querer trabalhar e não ter onde. Acabava aquela casa, tinha que esperar que aparecesse mais algum trabalho. Até que aparecesse levava um mês, dois. Toda aquela economia que você fazia naqueles dias que ele trabalhava, lá pagavam bem o marceneiro, carpinteiro. Aquela reserva era tudo pra gastar. Que vida vamos ter futuramente? Trabalha dois meses, descansa um mês e meio, dois. Quer dizer que assim é um passo à frente e dois pra trás. E também, queríamos ter a nossa casa. [...] Guardávamos um dinheiro pra se fazer uma casa. Não aparecia trabalho, o dinheiro tinha que ir pras despesas, não podia ficar guardado. Foi quando mandamos uma carta pro meu cunhado Agostinho, o que tinha uma espécie de mercearia que vendia de tudo. [...] Ali na rua da Constituição [...] Aquele tempo era muito fácil de conseguir emprego, um profissional. Chegamos aqui no Brasil, fomos morar pro Monte Serrat, onde a minha cunhada arrumou. Como nós quando viemos, trouxemos malas, ferramentas do meu marido”.

Trabalho do marido na Companhia Docas

“Quando chegamos aqui, as Docas estavam precisando de carpinteiro. [...] a minha cunhada fazia bordados pra os doutores, feitores das Docas, aquelas pessoas. [...] Então a minha cunhada disse: "Olha Sebastião, tu querias ir às docas?". "Eu quero trabalhar. Não posso ficar desempregado, gastei todo o meu dinheiro na passagem e agora temos que começar a assumir nova vida". Minha cunhada falou [para o advogado das Docas]: "Ele tem uma carteira profissional do sindicato, já tinha o sindicato. Toda comprovada que ele era um bom carpinteiro, marceneiro." [...] Ele vai entrar porque ele é um profissional. E pra ele entrar nas Docas, tinha que entrar dois brasileiros. Não era deixar os brasileiros pra lá que vai entrar um estrangeiro. Era um estrangeiro, que chegavam muitos aqui. Mas, profissionais não chegavam muitos. É que ele beirava a cidade, já era uma pessoa instruída. Já vinha de família também. E então, ele foi pras Docas. Ele trabalhou só nas Docas”.

Bordados

“Eu cheguei aqui num domingo e na terça-feira minha cunhada trouxe o dedal, a agulha e bordado. A minha cunhada: "Quer ajudar aqui nesse bordado?". "Claro que eu quero". [...] Eu sei que nisso foi tudo muito bem, graças a Deus. [...] Depois que ele [marido] morreu, eu cuidava dos filhos e bordava de noite e de dia. Nesse tempo eu ainda bordei uns tempinhos, para as fábricas, pra São

Paulo. [...] E vendi muito bordado pra Casa Regente, que hoje está fechada, faz uma grande falta, pra Casa Araújo, que também está fechada, uma Casa Mauá que tinha ali. Eu ia e arranjava emprego pra todo mundo. Lidava com o pessoal dali, fazia amizade logo com as meninas. Depois mandava lá [...]"

4 ECHO PORTUGUEZ

TERRENOS

em Nova Cintra

SANTOS

As pessoas que desejarem comprar terrenos n'este bairro podem tratar em Santos com:

Luiz de Mattos. Rua Direita n. 35, das 9 horas da manhã às 4 da tarde — Dr. Guedes Pereira. Rua Julio Canceição n. 10; Villa Mathias Dr. Santos Silva. Praça da Republica u. 17 — José Antonio da Fonseca. Rua de S. Bento n. 69 — Emilio Sauer. Rua Julio de Mesquita n. 8, Villa Mathias, e com os proprietarios em nova Cintra, das 4 horas da tarde às 8 da manhã.

O pagamento será feito por prestações mensaes ou por inteiro, conforme convier ao comprador, e, d'esta maneira ficará satisfeito o desejo daquelles que quizerem ser proprietarios no bairro mais futuroso de Santos.

Anúncio em um dos jornais da colônia portuguesa no Brasil. O Morro da Nova Cintra foi ocupado desde o século XVI, mas recebeu esse nome no século XIX, quando se tornou um núcleo da colonização portuguesa em Santos. O nome seria uma referência à cidade portuguesa de Sintra, de onde teriam vindo muitos dos novos habitantes do morro. *Echo Portuguez*, 8 abr. 1897. Disponível em: <<http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/jornais/EP18970408.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

Questões sobre o texto

- O que motivou Beatriz e seu marido a deixarem a Ilha da Madeira?
- Beatriz menciona uma estratégia muito comum empregada pelas pessoas que decidem migrar: a mobilização dos laços (de parentesco, de origem, de amizade) com aquelas que já vivem no local de destino. Explique, de acordo com o depoimento de Beatriz, como esses vínculos foram importantes na mudança para o Brasil, na busca por moradia e por trabalho.
- Ao falar da busca do marido por emprego na Companhia Docas de Santos (CDS), Beatriz menciona que "pra ele entrar nas Docas, tinha que entrar dois brasileiros". Ela se refere à lei de nacionalização do trabalho, conhecida como lei dos 2/3, criada por Getúlio Vargas. Faça uma pesquisa e responda: o que esta lei determinava? Quais razões motivaram a sua criação? De que forma ela impactou as migrações para o Brasil?

Atividade 3. Análise de um artigo de jornal

A chegada dos imigrantes ao Brasil não ocorreu sem conflitos. Greves nos locais de trabalho, perseguições políticas, deportações, choques culturais e casos de xenofobia estiveram presentes. Os conflitos entre grupos imigrantes e a sociedade que os recebe são um dado comum em diferentes contextos históricos. Esses conflitos, em parte, relacionam-se ao preconceito e à discriminação com o outro. Leia a notícia abaixo para melhor entendê-los.

Portuguez seviado

Com relação á noticia que, sob a epigraphé supra, demos em o numero anterior, pouco ou nada mais podemos accrescentar, visto que cousa alguma chegou ao nosso conhecimento,

Foi feito o corpo de delicto em João Luiz, ficando provado que o infeliz recebera dez chicotadas, pelo menos, pois tantos foram os vergões verificados; d'ahi por diante nada mais sabemos, e é de presumir que jámais o saibamos. Este é um dos mil casos, sobre os quaes se colloca a costumada pedra do esquecimento.

Tem, por conseguinte, o Sr. capitão Martiniano de Carvalho carta branca para continuar a seviar os nossos compatriotas.

Como elles não exigem indemnisações nem mandam *ultimatums*, por isso ...

Mais outro !

Tambem foi em Santos, e tambem foi um sargento de policia o gracioso auctor.

Eis como os nossos collegas da *Tribuna do Povo*, de 23 do corrente, descrevem mais este attentado, que é natural fique impune como todos os outros :

Vandalismo

« O sr. commandante da força aqui estacionada deve, no interesse de seu proprio cargo, em honra ao criterio com que o exerce, lançar vistas mais cuidadosas sobre alguns dos soldados que compõem essa força.

« Não devemos precisar aqui o que já passou, mas o que hontem ocorreu em plena rua do Rosalorio, n'uma loja de barbeiro, de propriedade do sr. Manoel José Ferreira.

« Foi um verdadeiro vandalismo, porque outro qualificativo não merece a invasão á propriedade alheia, por agentes da força publica, arruinando-a, enchendo-a de destroços.

« E' o caso que, a esse barbeiro foi um sargento para fazer a barba. O barbeiro, ou porque estivesse occupado on porque não quizesse, negou-se a fazer-lh'a.

« O sargento retirou-se, sem nada dizer; mas cinco minutos depois, voltou, acompanhado de praças, entrou pela barbearia a dentro, quebrou vidraças, e, mandando chamar o barbeiro que n'uma casa fronteira jantava, prendeu-o e conduziu-o para o quartel, espancando-o de modo brutal, a ponto de feril-o.

« Que nos diz a isto o sr. commandante do destacamento, o proprio sr. dr. delegado ?

« Onde estamos e para onde vamos neste bello andar ?

« Acaso ficamos obrigados á contingencia de acautelar-nos, de prevenirmo-nos todas as vezes que avistarmos um soldado de policia ?

« E' triste e vergonhosa essa contingencia ; e ella, longe de deprimir o soldado, deprime o commandante, que tem a responsabilidade de sua conducta, a grande responsabilidade de manter a ordem, de respeitar e fazer respeitar a propriedade alheia.

« Não queremos ir além, porque canalhadas deste quilate, agitam os nervos dos mais lymphaticos e abalam profundamente os que ainda tem sangue a galopar-lhe nas veias.

« Fiquemos por aqui. »

Nós tambem ficamos por aqui, uma vez que depois disto só podemos accrescentar que o nosso compatriota ficou como estava, e bem caladinho, porque se protestasse ou quizesse reparação da offensa teria de vêr o bom e o bonito.

O illustre sr. dr. chefe de policia, cuja energia louvamos e em cujas providencias confiamos, é

que nos poderá dizer se deve continuar em Santos a indisciplina policial e a arbitrariedade sem nome que alli se está exercendo com sciencia e consciencia das auctoridades respectivas.

Fonte: Echo Portuguez, 27 jun. 1897. Disponível em: <http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/jornais/EP18970627.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2020.

- Qual o assunto do relato presente no jornal português? Onde ocorreu o fato relatado?
- Este foi o único caso na cidade? Por quê?
- Pensando na história do Brasil e no contexto do acontecimento narrado pelo jornal (as imigrações no final do século XIX), levante hipóteses para explicar os motivos da violência contra essa população.

d. Cite casos contemporâneos de discriminação com pessoas que vêm de fora da nossa cidade/estado. Por que você acha que isso ocorre? O que podemos fazer para superar esse problema?

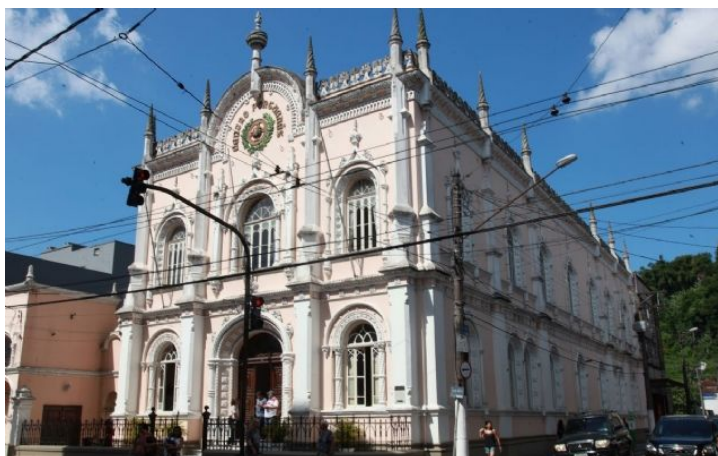
e. Produção de texto: Carta aberta

Imagine essa situação: você atualmente é representante de uma determinada associação de imigrantes e irá expor os problemas vividos em sua comunidade, buscando conscientizar a sociedade brasileira a respeito deles.

Para isso, você deverá redigir uma Carta Aberta. Você pode partir de algum dos exemplos citados no item anterior e aprofundar sua pesquisa sobre os casos, de modo a colher dados e repertoriar seu texto. Acesse as orientações sobre a construção de uma Carta Aberta neste [link](#).

Atividade 4. Pesquisa

Como vimos, os portugueses formaram o maior grupo de imigrantes em Santos. Podemos identificar as contribuições dessa população no patrimônio material e imaterial de nossa cidade: arquitetura, instituições, culinária, artesanato, dança, música, jogos, festas, entre outros. A seguir, leia sobre o Centro Cultural Português de Santos, apenas um entre os diversos exemplos da presença lusitana na região.



Centro Cultural Português, na rua Amador Bueno, Santos.

O Centro Cultural Português foi fundado em 1895 para congregar os imigrantes portugueses em Santos, ofertando atividades literárias, científicas, recreativas, educacionais e sociais.

Sua primeira iniciativa foi a criação da Escola João de Deus, para dar aos portugueses pobres a oportunidade de cursar gratuitamente o primário. Em seguida, a escola ofertou aulas de francês, esgrima, tiro ao alvo, dança, música e arte dramática.

O edifício atual ostenta arquitetura em estilo neomanuelino, um dos raros exemplos fora de Portugal. Hoje, entre outras coisas, o Centro Português realiza diversos eventos relacionados à cultura portuguesa e produz um jornal. Para saber mais, acesse o [site](#).
#imigração #patrimônio #cultura #santos #portugueses

Produzindo um texto para redes sociais

Considerando o material sobre o Centro Português, identifique e pesquise sobre um dos legados deixados pelos imigrantes em Santos. Seu objeto de pesquisa pode ser um dos exemplos citados na Atividade 1. Se precisar de ajuda, converse com seu professor.

Depois, com a finalidade de prestar informações aos munícipes e aos turistas que visitam Santos, produza um breve texto para um perfil da cidade nas redes sociais, o qual deverá se inserir em uma série de postagens relativas ao patrimônio histórico e cultural deixado aqui pelos imigrantes.

Assim, com base em sua pesquisa, selecione imagens atuais e/ou antigas para ilustrar esta produção. Lembre-se de que os textos para redes sociais costumam ser concisos, visando à geração de maior engajamento pelos usuários. Tente não ultrapassar três parágrafos e 100 palavras.

Você pode descrever seu objeto, suas origens, significados, importância para a colônia de imigrantes e para o patrimônio histórico da nossa cidade, sua condição nos dias atuais, localização, curiosidades, entre outras informações que você tiver pesquisado e julgar relevantes. Para complementar, você pode usar emojis de forma adequada (sem exageros) e criar algumas hashtags que tenham a ver com seu texto e ajudem a difundi-lo.

Compartilhe sua produção em um mural no [Padlet](#) (o link será enviado pelo seu professor). Como nas redes sociais, você deverá interagir com o trabalho dos seus colegas fazendo comentários ou perguntas e respondendo aos questionamentos deles e do seu professor.